



ACOLHER PARA INCLUIR: RELATO DE UM PROFESSOR DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DA INCLUSÃO DE UM ALUNO AUTISTA

JOAO VICTOR MACEDO GOMES

RESUMO

No cenário da educação inclusiva, temos traçado um árduo caminho para que os padrões de qualidade e os direitos das pessoas com deficiência sejam garantidos. Apesar das diversas conquistas, como a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, ainda há muito a ser conquistado. O presente trabalho visa narrar um relato de experiência de um professor dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da inclusão de um estudante com autismo na sala de aula comum. Por se tratar de um relato de experiência, o percurso metodológico adotado teve como base as observações, registros e descrição da experiência. Os resultados da experiência evidenciam práticas exitosas com um estudante com autismo na sala regular, confirmando que, apesar de desafiador, esses indivíduos são capazes de aprender, se desenvolver e demonstrar o seu potencial de diversas maneiras.

Palavras-chave: autismo; educação; experiências.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Constituição Federal de 1988, a educação é um direito universal inerente a todo cidadão, sendo dever do Estado e da família garanti-lo (Brasil, 1988). Entretanto, quando visualizamos o cenário da inclusão de pessoas com deficiência na escola comum, percebemos que ainda há diversas barreiras a serem superadas, desde o aspecto social até o pedagógico. Cada vez mais, as escolas estão recebendo pessoas com algum tipo de deficiência, e, sendo um direito garantido por lei que essas pessoas frequentem a escola, é indiscutível que as instituições de ensino devam estar preparadas para recebê-las, em termos de estrutura, capital humano e recursos pedagógicos. Vale ressaltar que apenas garantir a frequência não é suficiente para garantir a inclusão desses estudantes, pois há uma diferença entre acesso à escola e acesso à educação. Até porque estar na escola não necessariamente significa que o estudante está aprendendo.

Quando falamos de inclusão, nos referimos a seu sentido amplo, ou seja, ao respeito às singularidades de cada indivíduo, incluindo as pessoas com deficiência. É importante sempre lembrar que o sujeito vem antes da deficiência, isso quer dizer que a deficiência faz parte da identidade do sujeito, mas não o define e nem limita suas capacidades físicas e intelectuais no sentido de aprendizado. Afinal, todos podem aprender alguma coisa, obviamente que, de forma diferente, exatamente porque somos diferentes.

A pertinência deste relato de experiência reside na necessidade de compreendermos a dimensão que perpassa a inclusão do estudante com deficiência, dando ênfase ao autista. A sala de aula é apenas um dos pilares que contribui para essa efetiva inclusão, tendo a frente o professor regente. Entretanto, também é necessário o apoio de outras instâncias, pois se não há recursos, profissionais de inclusão e outros, inclusive da área clínica, que atendam a demanda dessas pessoas, o trabalho fica limitado. Percebemos que é um trabalho possível, tal como o presente relato evidencia. Porém, a compreensão maior que devemos ter é que, independentemente de ter ou não deficiência, o sujeito em sociedade tem direito ao respeito,

aceitação e adequação do meio às suas especificidades e singularidades. E isso não é algo que deve partir apenas da escola, pois temos uma responsabilidade social na luta para garantir uma boa experiência a esses sujeitos. Sendo assim, eliminar as barreiras, obstáculos ou impedimentos existentes no contexto social que estejam dificultando o acolhimento e o atendimento das necessidades específicas desses indivíduos é imprescindível.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Sou professor de sala de aula comum, lotado no 2º ano do ensino fundamental. No início do ano letivo de 2024, recebi um aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA, suporte 2. Confesso que, ao recebê-lo, senti certo receio, pois era um aluno que viera de outra turma e foi muito difícil seu processo de adaptação à sua nova sala. No início, o aluno se desorganizou com frequência, se recusava a permanecer em sala, mas logo depois, com as devidas intervenções, foi se adaptando à rotina, por meio de acolhimento, combinados, apoio familiar e da equipe do Atendimento Educacional Especializado (AEE), afinal o AEE deve ser ofertado

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional. (Brasil, 2008)

Vale ressaltar que o aluno, até então, ainda tinha muitos hábitos inadequados, desejava que tudo fosse do seu jeito. Esboçava grandes dificuldades em obedecer regras, se frustrando quando sua vontade não era atendida. Tinha necessidade de fazer alguns rituais que deveriam ser cumpridos diariamente, do contrário ficava incomodado. Ter um lugar fixo para sentar (geralmente na frente e na cadeira e mesa que escolher), ser sempre o primeiro da fila, abrir a porta, acender e apagar a luz são alguns exemplos destes comportamentos. Entretanto, com diálogo, boas conversas, estabelecimento de rotina na sala, ambientação para o aluno, foi possível reverter aos poucos essas manias e seus momentos de desorganização sensorial.

Na escolha do ajudante da sala, por exemplo, ensinava-o a esperar sua vez, pois nem sempre poderia ser ele; no momento de ir ao banheiro, também exercitava seu tempo de espera e enfatizava que não era possível sair de sala naquele momento porque estava na vez de outro colega. Além disso, passou a compreender que deveria aguardar na fila de entrada e no retorno do intervalo como todo mundo, dentre outras regras diárias. Nesse sentido, aos poucos fui ganhando a confiança do aluno e, a partir de então, ele começou a ser mais participativo em tudo, solicitando a atenção do professor e mostrando que é capaz. Tornou-se mais obediente, tendo prazer em fazer suas tarefas e mostrá-las.

Vale destacar, também, que o referido desenvolveu boa comunicação verbal, esboçando suas vontades e ideias com precisão. Demonstrou ser capaz de resolver seus conflitos na maioria das vezes com diálogo e controle de emoções. Aos poucos, também, fui estimulando sua participação em atividades em grupo, visto que, até então, sua preferência era por atividades individuais.

Em relação às atividades estruturadas, o aluno demonstrou que já domina muito bem a coordenação motora fina, conseguindo fazer traçados de letras, desenhos e números de forma compreensiva. Realiza a escrita de seu nome completo com autonomia. Essa aprendizagem foi possibilitada exercitando a escrita diariamente, com apoio visual da ficha. No começo, o aluno não demonstrava interesse em escrever o nome no caderno, mas esboçou interesse em escrever no quadro, utilizando piloto. Diariamente pedia para escrever o nome no quadro pelo menos uma vez, o que lhe foi concedido. Foi o estímulo para que ele exercitasse e consolidasse a aprendizagem do nome.

Em relação à leitura e à escrita, obtive alguns avanços. Reconhece as letras do alfabeto e seus traçados, mas ainda não faz relação sonora. Está em processo de

desenvolvimento da consciência fonológica. Para desenvolver o reconhecimento das letras, utilizamos o recurso “alfabeto das onomatopeias”, criado pela Professora Dra. Sandra Puliezi. Trata-se de um alfabeto que estimula a compreensão da relação letra-som. No momento da rotina, inserimos esse ensino explícito do alfabeto, o que foi algo que deu bastante resultado. Tanto que em atividades de pareamento entre letra e som, o aluno conseguiu fazer facilmente, com apoio das onomatopeias.

O aluno, ainda, demonstrou reconhecer formas geométricas e fazer associação de cores e formas, tanto de forma visual como concreta. Em uma atividade estruturada em folha, por exemplo, em que o aluno teria que associar forma, número e cor, não demonstrou dificuldade em compreender o padrão e a realizou com total autonomia, obedecendo às regras. A seguir, na seção posterior, poderemos contemplar esta atividade exitosa.

3 DISCUSSÃO

Diversas estratégias podem ser utilizadas para garantir a inclusão de estudantes com deficiência na sala de aula regular. Desse modo, não se trata apenas de garantir a matrícula do estudante ou de apenas garantir que ele frequente a escola, mas de possibilitar meios com que ele se sinta acolhido e como parte do processo de ensino-aprendizagem. Independentemente da deficiência, é preciso que, antes de tudo, conheçamos o nosso aluno, por meio de uma sondagem.

É necessário observar o que o aluno já sabe, suas potencialidades, comportamentos, para a partir disso traçar metas e um plano de intervenção para que ele avance naquilo que é prioridade no momento. Por exemplo, se o aluno tem problemas de autorregulação, é preciso intervir sobre isso para que então seja possível iniciar a trabalhar a matéria comum a todos, de forma adaptada. O aluno protagonista do presente relato demonstrou interesse e aptidão por atividades de pareamento.

Dessa forma, procuramos desenvolver suas funções executivas utilizando isso que lhe chamava atenção, bem como fazendo a interdisciplinaridade com os assuntos trabalhados no currículo. A seguir, é possível observar um registro do estudante executando a atividade proposta.

Aluno com TEA realizando atividade de pareamento com total autonomia



Nesse contexto, atividades de pareamento, seja de cores, formas ou outros elementos são de suma importância. Isso porque essas atividades são capazes de desenvolver questões visuais, perceptivas e cognitivas. Para os alunos com TEA, em especial, fica mais evidente sua importância (por utilizar pistas visuais) em todo processo de aprendizagem, e para ampliar/ fortalecer interações. Não por acaso o pareamento costuma ser uma das primeiras estratégias para se obter o engajamento da criança nas terapias e/ou consultas, assim também nas mediações pedagógicas, complementando o trabalho clínico.

4 CONCLUSÃO

Este resumo expandido foi desenvolvido com o objetivo de narrar um relato de experiência de um professor dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à inclusão de um aluno com autismo em sala de aula comum. Sendo relevante para área educacional, para estudiosos no assunto e para a sociedade civil, esse relato de experiência foi escrito com embasamento teórico de autores que versam sobre a inclusão e, sobretudo, das próprias observações do autor em sua sala de aula.

É inegável que a inclusão do aluno com autismo na escola ainda é atravessada por diversas barreiras, seja de cunho físico, atitudinal, social ou até mesmo pedagógico. No entanto, não podemos deixar de reconhecer os inúmeros avanços que já obtivemos no tocante a esta pauta, além de reforçar a importância de continuarmos lutando pelos direitos das pessoas com deficiência, por uma escola justa, de qualidade e para todos, sem exceção.

Tal como vimos - com base em tal relato -, inicialmente é comum o sentimento de surpresa e insegurança ao lidarmos com uma pessoa com deficiência, neste caso, autismo. Porém, à medida que resolvemos esquecer a deficiência, não olhar para o laudo e compreender que antes da deficiência vem o sujeito, é possível conseguir resultados exitosos no trabalho com essas pessoas e confirmar aquilo que a sociedade reluta em compreender: que incluir é preciso. Compreender que todos nós somos capazes, que temos nossas potencialidades, é o primeiro passo para avançarmos nesta luta.

Por fim, concluímos reafirmando o quanto é importante o acolhimento e a afetividade no momento de lidar com o estudante com TEA. Quando procuramos acessar e conhecer o nosso aluno, mantendo um diálogo saudável, com boas trocas, tudo flui melhor. É preciso construir uma relação de confiança para que se tenha êxito no trabalho e compreender que antes mesmo do aspecto conteudista, estão o interacionista, estão as habilidades de vida diária. Como vimos, talvez o aluno não tenha evoluído tanto em termos de leitura e escrita, mas em outras atividades obteve êxito. E só em ele ter passado a compreender uma rotina, obedecer regras, já foi um grande avanço. Isso influenciará, sem dúvidas, nos próximos passos para o seu desenvolvimento pessoal e escolar. O importante é não desistir de nosso aluno e compreender que ele sempre terá algo a oferecer, a mostrar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, DF: MEC, 1988. Disponível em:

<https://www.mpgp.mp.br/portaIweb/hp/10/docs/constituicao_federal_de_1988_-_da_educacao.pdf> Acesso em: 08 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2025.